

Jovens do Ensino Médio e a relação com as redes sociais digitais a partir da Educação Midiática

Paula Viviana Queiróz Dantas de Assis^{*}

Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca Voltolini^{**}

José Serafim Bertoloto^{***}

Kênia Paula de Almeida Moraes dos Anjos^{****}

Lucinete Ornagui de Oliveira Nakamura^{*****}

Introdução

O cenário educacional é marcado por estudantes que vivem em modo *on*, conforme afirmam Cortes, Martins e Souza (2018). Ou seja, vivem conectados à internet, por diversos sistemas, entre estes as redes sociais digitais, cada vez mais atraentes e ágeis. Nesses espaços, os estudantes lidam com informações em volume nunca visto. As redes sociais digitais estabelecem uma dinâmica muito célere quando se trata de difundir qualquer conteúdo. Segundo Recuero (2009), na internet há uma grande circulação de informação, difundida por meio das redes sociais de forma rápida e interativa.

^{*} Mestre em Ensino (UNIC-IFMT) e graduada em Letras (UFMT). Servidora pública da Secretaria de Estado de Saúde de Mato Grosso (SES/MT) e atua como docente na modalidade EAD.

E-mail: paulavivianadantas@yahoo.com.br

^{**} Pós-doutorado pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Associação Ampla entre a Universidade de Cuiabá (UNIC) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso (IFMT). Multiplicadora do projeto EducaMídia, programa de Educação Midiática para educadores do Instituto Palavra Aberta com apoio do Google.org.

E-mail: fonsecaanagraciela@gmail.com

^{***} Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT).

E-mail: serafim.bertoloto@gmail.com

^{****} Mestre em Ensino (UNIC-IFMT) e graduada em Educação Artística pela Universidade Federal de Mato Grosso. Professora da rede pública estadual (Seduc-MT).

E-mail: kenia_artes@hotmail.com

^{*****} Mestre em Ensino (UNIC-IFMT). Especialista em Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira pela Universidade Federal de Mato Grosso. Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior pela Universidade de Cuiabá. Graduada em Pedagogia pelo Instituto Luterano de Ensino Superior de Ji-Paraná (1996).

E-mail: ornagui@uol.com.br

Para compreender a relação dos estudantes com esse cenário foi realizada uma pesquisa qualitativa usando a técnica do grupo focal, com o objetivo de investigar a influência das redes sociais digitais na formação de opinião de jovens do Ensino Médio e seus impactos potencialmente relevantes. Para isso, identificamos quais redes sociais digitais são utilizadas para busca de informações e conteúdos pelos discentes e as relações estabelecidas com e a partir delas. A discussão dos resultados considerou as recomendações apontadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a cultura digital e como alternativa apresenta o conceito de Educação Midiática.

O debate exposto neste artigo almeja enriquecer a compreensão das nuances que orbitam em torno do fenômeno que envolve a era digital, da utilização das redes sociais pelos jovens, ampliando a reflexão e assinalando caminhos para essa relação.

Internet, Redes Sociais digitais e BNCC

Para compreender a complexidade das redes sociais digitais é necessário falar sobre a internet. A história da criação e desenvolvimento da internet, segundo Castells (2003), é uma aventura humana excepcional. É considerada uma trajetória de superação e criatividade, que descortinou um mundo novo para a humanidade. Para o autor, muitas transformações aconteceram e dificuldades foram superadas até chegarmos à década de 1990, período em que a internet tornou-se comercial e cresceu rapidamente como uma grande rede de computadores, atuando de forma global.

A internet é uma rede capaz de conectar outras redes, para isso pode empregar tecnologias como cabos, rádio, fibra ótica, para transmitir conteúdos em diversos formatos. Estar em rede é dar condições às novas experiências e convivência com o mundo, constituindo grupos ou comunidades, algo importante para os indivíduos. De acordo com Castells (2003), trata-se de um agrupamento de nós interconectados. A formação de redes é uma atividade humana ancestral, que ganha contornos significativos na vida das pessoas em nosso tempo, transformando-se em redes de informação avigoradas pela internet.

O referido autor pontua ainda que as redes têm recursos como ferramentas de organização que possibilitam flexibilidade e adaptabilidade, características primordiais para sobreviver e progredir num ambiente em constante mutação. Para Castells, esse seria o motivo que leva as redes a se espalharem em diversos domínios da sociedade e na economia.

A internet transformou-se em um meio de comunicação, internacionalmente conhecida, principalmente, após o incremento da *World Wide Web* (www). A web não é

a internet, e sim parte dela, a www funciona através da internet e tem como base uma linguagem baseada no hipertexto. O hipertexto é uma ferramenta que liga diferentes páginas disponíveis na web. Castells (2005) assegura que partir de então as pessoas passaram a usar a internet como ferramenta para busca de informações sobre vários assuntos ou temas.

A web superou diversas dificuldades de uso, de abrangência das informações e de universalidade de acesso. Logo, transformou de vez, os anos de 1990 na “década da Internet”, alcançando uma enorme popularidade em todos os espaços do planeta, assegura Carvalho (2006).

Martha Gabriel (2013) considera que na década de 1990 – quando era mais comum ter acesso discado – “estar” conectado significava que a pessoa, eventualmente, utilizava a internet. A autora destaca que a banda larga ampliou o cenário de criação e compartilhamento de conteúdo no mundo todo. A banda larga proporcionou uma mudança relevante do “estar conectado” para “ser conectado”.

Gabriel (2013) evidencia que, além da hiperconexão e explosão de conteúdo, outro ponto notável a que temos assistido nas últimas décadas é a multiplicação de tecnologias e plataformas de informação e comunicação. Além das tecnologias consideradas analógicas (TV, rádio e mídia impressa) existe uma vitrine de tecnologias e plataformas como o *mobile* e as redes sociais digitais.

Com relação às redes sociais digitais, podemos destacar algumas, como: Facebook, Twitter, LinkedIn, SlideShare, YouTube, Google+, Foursquare, Instagram, e mais recentemente o TikTok. Para Gabriel (2013) a proliferação de tecnologias e plataformas digitais, somadas às plataformas e tecnologias tradicionais, torna disponível um campo fértil e propício para uma diversidade de ações destinadas a qualquer área do conhecimento.

A obra de Raquel Recuero *Redes Sociais na Internet* de 2009, conceitua que redes são metáforas estruturais, ou seja, constituídas por agrupamentos sociais a partir dessa estrutura. A autora compreende que as redes sociais na internet são sistemas que têm como finalidade publicar e publicizar as redes sociais das pessoas como acontece no Facebook, Instagram, Twitter, entre outros. São sistemas configurados por perfis e páginas, onde há lugar específico para carregar conteúdos e estabelecer interação.

De acordo com Rocha (2005) a palavra latina “*rete*” traz a ideia de junção de nós, entre indivíduos ou no coletivo, que estejam interligados entre si, permitindo união e troca. Estar em rede, segundo o autor, é dar condições a novas experiências e convivência com o mundo, constituindo grupos ou comunidades, algo necessário para

as pessoas. Corresponde à capacidade de ser sujeito ativo e responsável, de sugerir, propor mudanças, administrar complexidades e motivar o fortalecimento e, sempre que for preciso, participar da reconstrução das redes.

Marteleto (2010) afirma que a rede também pode ser compreendida, no campo das ciências sociais, como uma forma de entender a inovação da sociedade, pois leva a percebê-la a partir dos vínculos relacionais entre os indivíduos. São ambientes que facilitam os encontros virtuais de interação, relacionamento e colaboração na internet, sustenta a autora.

Para Silva (2010) as redes sociais são consideradas espaços dinâmicos que contam com a participação nas atividades de produção e circulação de informações. São organizações abertas, estão em constante mutação e possui uma característica peculiar: a capacidade de veiculação de informação. Além disso, é um espaço que repercute conflitos. O espaço cibernético é um lugar que possibilita conexões e que merece compreensão para que toda sociedade possa atuar de maneira mais responsável.

Nessa perspectiva é importante considerar o sujeito cibernético que se forma nas camadas dinâmicas diante das máquinas computacionais e que este sujeito também está no espaço escolar. A tecnologia se faz de máquinas, pessoas, infraestrutura, de instituições, pondera Santaella (2003). Portanto, é uma rede complexa de atuação.

Atualmente, temos à disposição a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC é um documento plural e contemporâneo, resultado de um trabalho coletivo inspirado nas mais avançadas experiências do mundo. A partir dela, as instituições de ensino públicas e privadas passaram a ter uma referência comum e obrigatória para a construção dos seus currículos e propostas pedagógicas. Trata-se de um documento norteador para a comunidade escolar que apresenta competências e habilidades, entre estas aquelas para tornar a escola mais adequada na preparação dos estudantes ao universo da cultura digital.

Metodologia da pesquisa

Buscando a compreensão da problemática apresentada, no que diz respeito as redes sociais digitais e a relação com os estudantes, este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, considerando que, segundo Minayo, Hartz e Buss (2000), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A pesquisa qualitativa corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos

processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à instrumentalização de variáveis.

No que diz respeito à natureza, esta pesquisa caracteriza-se por um estudo exploratório que, segundo Gil (2009), tem o intuito de proporcionar maior familiaridade com o problema em questão, com a intenção de torná-la mais clara ou construir uma hipótese.

Para a investigação elegemos a pesquisa-ação, com o objetivo de apontar estratégias para o desenvolvimento de habilidades que possibilitem aos alunos e docentes da escola eleita a utilizarem mecanismos para leitura crítica e reflexiva dos conteúdos acessados nas redes sociais digitais. Conforme afirma Gil (2009) a pesquisa-ação é concebida e realizada com objetivo de dar resolução a um problema coletivo em que pesquisadores e participantes envolvidos na situação possam solucionar de maneira cooperativa e participativa.

Para a coleta de dados adotamos a técnica do grupo focal, pois permite que as mensagens e informações sejam capturadas de maneira mais profunda e, conseqüentemente, ampliando a janela de diálogo entre os participantes. Bauer e Gaskell (2012) caracterizam o grupo focal como uma entrevista realizada por um debate aberto e acessível a todos, onde os assuntos discutidos são de interesse comum.

A pesquisa foi realizada com alunos do Ensino Médio de uma escola pública da capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá. A coleta de dados foi realizada entre os meses de outubro a dezembro de 2019. Cada encontro durou, em média, uma hora, contando com participação de pesquisadores, cinegrafista, colaboradores para relatoria e observação, além dos discentes que se voluntariaram para participar da pesquisa. O grupo focal foi conduzido por um roteiro de perguntas de modo a alcançar os objetivos pretendidos com a pesquisa.

Os dados foram interpretados utilizando a análise de conteúdo proposta por Bardin (2009). Bardin afirma que, dentre as técnicas da metodologia, podemos realizar diversas análises dos significados, a temática é uma delas. A análise do material foi feita conforme as fases preconizadas pela autora: pré-análise, exploração de material, e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A análise temática foi adotada para este estudo. Segundo Minayo (2004), como o próprio nome indica, evidencia o conceito central, o tema.

Conforme proposto por Bardin (2009) e Minayo (2004), a análise dos dados e dos resultados encontrados foram organizados a partir de categorias, de modo a abordar e agrupar os achados que destacam os principais pontos de discussão que orbitam em

torno da temática “redes sociais digitais e estudantes”. Após a leitura flutuante dos dados transcritos e seleção das mensagens e conteúdos, emergiram 14 categorias que foram utilizadas para interpretação. Este artigo apresenta resultados e discussão de duas categorias, que podem ser conferidas na seção abaixo.

Resultados e discussão

A partir da metodologia adotada, esta seção do artigo é dedicada a apresentar resultados e discussão referente as categorias sobre verificação e veracidade das informações consumidas nas redes sociais digitais e privacidade, (in)segurança, *cyberbullying* e relacionamento nas redes. As conclusões aqui apresentadas têm como base os dados, representados por trechos coletados durante o grupo focal, organizados por temas/categorias, e o referencial teórico adotado.

A categoria sobre verificação considerou como os estudantes se relacionam com as informações propagadas e aborda sobre mecanismos e estratégias para averiguar os conteúdos acessados nas redes. Considerando a disponibilidade e fontes de informação no meio digital, questionamos os participantes quanto à veracidade (ou não) das informações que transitam, constantemente, em diversas plataformas na internet, a exemplo das redes sociais digitais. Buscou-se também, abordar a respeito de mecanismos de verificação conhecidos e utilizados por eles ao acessarem as informações.

Os participantes afirmaram que buscam verificar se um fato realmente aconteceu, demonstram também ter consciência de estratégias de verificação, como é possível observar nos depoimentos abaixo:

“Sim. A gente não pode só sair replicando a notícia sem saber a fonte. A gente sempre tem que checar pra saber se de fato é verídico ou não. Ou ver se a pessoa envolvida se pronunciou sobre aquilo.” (JVC, 3º ano, 17 anos)

“Você acessa sites diversos pra tentar achar.” (AL, 1º ano, 15 anos)

“Sites confiáveis, tipo o G1.” (JOY, 3º ano, 17 anos)

“Normalmente é isso, você ir lá e procurar um pouco daquela notícia e ver se tem alguns sites comentando sobre aquilo, ver a fonte também.” (NAY, 1º ano, 15 anos)

“Ver várias perspectivas sobre o mesmo assunto.” (NAT, 1º ano, 15 anos)

“Acho que assim, esse negócio de verificar fonte é algo bem atual. Depois do ano passado, que virou febre *fake news*, aí teve muitas campanhas de

conscientização. Teve casos de pessoas que morreram por causa de pessoas que espalharam *fake news*: ‘Ah, tá traficando criança’, aí vai, encontra a pessoa na rua e matou. Aí, teve campanhas para conscientizar todo mundo e foi algo que foi positivo, porque hoje em dia ninguém mais compartilha algo sem ver. Sempre abre e vai procurando.” (JOY, 3º ano, 17 anos)

Ochs (2019a) propõe a Educação Midiática como alternativa para lidar com os diversos textos de mídia disponíveis. Para lidar com a informação em diferentes formatos, a Educação Midiática tem como pilares as ações de: acessar, analisar, avaliar, criar e participar “Todas as formas de mídia têm algo comum entre si: alguém as criou, e por uma razão específica. Compreender isso é a base da educação midiática” (OCHS, 2019a, p. 3).

Abaixo, um exemplo de como aplicar a Educação Midiática para avaliar e analisar informações. Inclusive os estudantes evidenciam em suas falas, noções que norteiam algumas das técnicas aplicadas para realizar a verificação, sugeridas na metodologia apresentada na figura 1:

Figura 1 – Passo a passo da verificação

PASSO A PASSO DA VERIFICAÇÃO

 **Essa informação é confiável?**
Antes de repassar, verifique.

O fenômeno da informação de má qualidade circulando na internet não é novo – desde 1990 o site snopes.com está dedicado a desbancar a “desinformação viral”, um conceito amplo que vai de distorções e reportagens cheias de erros até memes satíricos e notícias completamente fabricadas. Nos últimos anos o fenômeno se intensificou e se sofisticou; ainda assim, é possível tomar alguns cuidados para não ser vítima de informação enganosa. Siga os passos abaixo*:

CONSIDERE A FONTE	Muitas vezes, determinar a veracidade da notícia é tão simples quanto consultar qual é a fonte, usando a máxima “diga-me de onde veio e eu te direi quem és”. Procure avaliar a credibilidade dessa fonte consultando outros sites.
VÁ ALÉM DA MANCHETE	Todas manchetes são um pouco provocadoras por definição. E mesmo a manchete de um veículo confiável não conta a história toda. Leia a matéria completa antes de formar uma opinião.
BUSQUE O AUTOR	O uso de um pseudônimo ou a não-identificação de um autor é um dos principais sinais de alerta para uma informação falsa. Se encontrar o autor, pesquise um pouco para conhecer seu perfil, reputação ou credenciais, ou mesmo descobrir se ele pode ter interesses ocultos.
QUAL É A EVIDÊNCIA?	Notícias geralmente apoiam as suas informações com dados e citações que podem ser verificados pelo leitor para uma leitura mais aprofundada.
VERIFIQUE A DATA	Notícias antigas trazem informação datada e de outro contexto. Leia com alguma desconfiança.
AVALIE SEUS PRECONCEITOS	É difícil confrontar o nosso próprio viés de preconceito, mas é um passo essencial se você quer ser um bom consumidor da mídia.
CONSULTE OS ESPECIALISTAS	Sempre que houver incerteza a respeito de uma informação, o leitor deve consultar suas fontes conhecidas e de confiança.
ISTO É UMA PIADA?	A sátira é uma forma potente de comentário, que além de nos fazer rir, pode levar a reflexões importantes. Mas também pode ser mal-entendida – afinal de contas, o humor é subjetivo.

*Adaptado de FactCheck.org, Annenberg Public Policy Center, Univ da Pennsylvania

Fonte: MIDIAMAKERS PAPERS #2 (OCHS, 2019b).

Embora as declarações apontem para o reconhecimento mínimo de avaliação quando as informações acessadas, fica evidente que há a necessidade de amplificar o nível de criticidade em relação à verificação e avaliação dos conteúdos. Para isso ser realizado, é preciso considerar, de acordo com BNCC (BRASIL, 2018), a cultura digital e os novos letramentos que buscam trabalhar e ampliar práticas sociais e de linguagem.

Neste sentido, a competência da cultura digital, presente na BNCC, busca o uso das ferramentas digitais de forma ética e reflexiva para a comunicação, acesso e produção de informações e conhecimentos. Para isso, na etapa do Ensino Médio, o documento traz algumas habilidades previstas no campo jornalístico-midiático (BRASIL, 2018, p. 521), como:

(EM13LP36) Analisar os interesses que movem o campo jornalístico, os impactos das novas tecnologias digitais de informação e comunicação e da Web 2.0 no campo e as condições que fazem da informação uma mercadoria e da checagem de informação uma prática (e um serviço) essencial, adotando atitude analítica e crítica diante dos textos jornalísticos.

(EM13LP39) Usar procedimentos de checagem de fatos noticiados e fotos publicadas (verificar/avaliar veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, formatação; comparar diferentes fontes; consultar ferramentas e sites checadores etc.), de forma a combater a proliferação de notícias falsas (*fake news*).

A BNCC tem uma abordagem que fomenta a atuação em vários campos. Considerando a presença dos meios de comunicação e das informações, conteúdos e discursos que circulam por estes meios, o documento propõe um campo dedicado a isso, o campo jornalístico-midiático. Com relação a este campo, para o Ensino Médio, segundo a BNCC “Sua exploração permite construir uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e circulação de informações, posicionamentos e induções ao consumo” (BRASIL, 2018, p. 489).

Segue na mesma perspectiva as estratégias de Alfabetização Midiática Informacional (AMI), preconizadas pela Unesco (2016), que estão balizadas em conceitos que sintonizem e incluam outras categorias de aquisição de competências (alfabetização) existentes reconhecidas na era digital, tais como: alfabetização no acesso a notícias, alfabetização televisiva, alfabetização computacional, alfabetização no uso da internet e alfabetização digital. A Unesco define a AMI como:

A alfabetização midiática e informacional (AMI) é uma base para aumentar o acesso à informação e ao conhecimento, intensificar a liberdade de expressão e

melhorar a qualidade da educação. A AMI descreve as habilidades e as atitudes necessárias para valorizar nas sociedades as funções das mídias e de outros provedores de informação, incluindo aqueles na internet, bem como para encontrar, avaliar e produzir informações e conteúdos midiáticos; em outras palavras, apresenta as competências fundamentais para que as pessoas participem de maneira eficaz de todos os aspectos do desenvolvimento (UNESCO, 2016, p. 5).

Conforme a BNCC é fundamental promover ações educativas que possibilitem aos alunos conhecer os meios de produção e seleção de notícias e ainda fortaleça sua criticidade em relação às informações veiculadas nos meios digitais. Dessa maneira, eles podem construir linhas de raciocínio que permitam opinar e se posicionar em contato com assuntos de relevância social.

As habilidades a serem desenvolvidas no campo jornalístico-midiático, segundo a BNCC (BRASIL, 2018) visam promover a leitura, escuta, produção de textos em diversos formatos, algo essencial para os jovens do Ensino Médio. Espera-se que os jovens conheçam formas de checar as informações, conhecer projetos editoriais, saber analisar dados, fontes de notícias e os efeitos que elas causam. Também é necessário debater sobre a propagação de notícias falsas (*fake news*) e, principalmente, suas causas e consequências potencializadas no contexto digital.

Considerando as competências e habilidades previstas na BNCC sobre essa categoria da pesquisa, dados do relatório *Inter-relações comunicação e educação no contexto do ensino básico (2020)*, confirmam a relação estreita e contínua entre estudantes e as mídias digitais. De acordo com o relatório, os veículos de comunicação de massa são desconsiderados pela maioria dos participantes. O meio televisão não faz parte do universo juvenil dos estudantes que participaram da pesquisa. Como fonte de informação, os jovens recorrem ao WhatsApp (68,5%) e Facebook (65,2%), por exemplo.

Embora as falas dos estudantes que compõe esta pesquisa demonstrem ciência da necessidade de ceticismo e checagem da informação, reiteramos a importância de ampliar a discussão e propor atividades que intensifiquem o repertório dos estudantes. O circuito informativo, especialmente no ambiente digital, é complexo. A respeito disso, Ochs (2019b, p. 12) destaca que “Consumimos informações ruins nas mesmas plataformas em que encontramos o jornalismo de qualidade, e as pessoas parecem ter cada vez mais dificuldade em diferenciar as duas”.

Com relação à categoria sobre privacidade, (in)segurança, *cyberbullying* e relacionamento nas redes, a discussão tratou da percepção dos participantes em

relação ao (re)conhecimento das vias consideradas nocivas, formas de proteção e compreensão das informações que podem gerar danos, ofensas e/ou preconceitos.

Há evidências inquietantes sobre as dificuldades e sofrimento dos estudantes em relação às possibilidades de ataques, agressões e violação aos direitos humanos amplificados no ciberespaço. A sensação de medo e insegurança dos jovens tocou, intensamente, revelando a urgência de amparar e discutir com os jovens a respeito da saúde emocional no universo digital.

Os depoimentos dos estudantes mostram testemunhos e experiências constantes de importunação e humilhação no ambiente digital. Um estudante declarou não se sentir incomodado com a possibilidade de ser vítima de agressões nas redes por acreditar que isso não tem solução.

Os relacionamentos como namoro e amizades na internet foram relatados com entusiasmo pelos jovens. Embora as declarações revelem que estabeleceram contatos considerados bem sucedidos, reconhecem estarem passíveis de sofrer violência nas redes e fora delas também. Lamentavelmente, isto ganha mais potência e amplificação nas redes sociais digitais dado o dinamismo e capacidade de estabelecer laços em grupos ou comunidades.

Nessa perspectiva, notamos que a relação interativa dos jovens no espaço digital está vulnerável e carece de intervenção que possa favorecer um contato com experiências baseadas em empatia, conhecimento de direitos e deveres, formas e locais adequados para denunciar crimes cibernéticos. O principal questionamento foi: “Vocês se sentem seguros no ambiente virtual para interagir? Conhecem pessoas que sofreram agressão nas redes? Conhecem formas de denunciar crimes cibernéticos?” A seguir os depoimentos dos estudantes:

“É uma página só sobre a escola falar mal ou bem.” (NAY, 1º ano, 15 anos)

“Por exemplo, em uma dessas páginas eles pegaram a foto de uma menina e colocaram lá! Na foto é bonita, mas pessoalmente, é outra coisa. Isso é uma coisa que abala a pessoa, afeta muito.” (JVC, 3º ano, 17 anos)

“Postaram de mim também, mas não falaram mal.” (JOY, 3º ano, 17 anos)

“E também postaram de mim, mas não falaram mal. Falaram que eu sou legal que eu sou uma boa menina. Mas, realmente postaram da menina aqui da nossa colega e falaram muito muita coisa sobre ela. Coisas desnecessárias. Entendeu? Inventaram história. E tipo ela não expõe a vida dela, não é exposta, ela não vive postando coisa sobre ela. Ela posta mais sobre os cantores que ela gosta (K-Pop) e só. Mesmo assim ainda conseguiram pegar foto dela, postar foto dela e um

monte de gente falando um monte de coisa mentirosa sobre ela.” (ZAN, 2º ano, 16 anos)

“Não foram amigos que falaram eles criaram a página aí uns pegaram foto de outros alunos e mandaram lá, eu acho essa pessoa é ridícula, falsa e não sei mais o que, eles só postavam lá.” (NAY, 1º ano, 15 anos)

“É que é assim no Instagram, aí tem como você mandar o *direct* mensagem de uma pessoa pra outra no Instagram e essa conta tipo. O André é dono do anônimo aí o José vai lá e manda pra ele falando de mim José mandou pra ele uma foto minha e fala bem assim ‘eu não gosto dela porque ela é isso e isso’. O André só é o intermediário, ele só vai lá e posta, mas quem mandou falar mal foi outra pessoa. O André esconde o José, então, eu não sei quem está falando de mim a conta anônima do André que vai lá e fala é desse jeito que funciona essa página.” (ZAN, 2º ano, 16 anos)

É notório que os participantes demonstram com estas falas suas angústias e sofrimentos ao testemunharem ofensas virtuais e sobre a possibilidade de serem vitimados com calúnias. Fica evidente a percepção deles sobre as dificuldades para enfrentar e resolver essa problemática que afeta, diretamente o emocional. As falas expõem também o aspecto da possibilidade de perfis anônimos, como um ingrediente que permite e potencializa essas ações.

Diante disso, o grupo foi questionado: “Vocês se sentem seguros com isso? O que fazem para evitar isso?” As respostas seguem na sequência:

“Nem um pouco segura, minha amiga. Não divulgo nada porque a minha amiga ela fez um logotipo e colocou uma foto do mês só que ela colocou só pros amigos íntimos verem. Ela não postou pra todo mundo ver e um desses amigos íntimos, que se faz de falso, foi lá e postou nessa página e era uma foto dela tipo com roupa íntima, mas ela colocou no logotipo só pra amigos vê, entendeu? Alguém foi lá e expôs pra todo mundo ver. Parentes dela viram todo mundo viu pessoas desconhecidas iam lá e comentavam coisas escrotas sobre ela, sobre o corpo dela. [...] então eu não uso Facebook por isso eu não gosto das contas do Instagram, só YouTube, ‘fatos desconhecido’, ‘você sabia’. Por isso porque eu não gosto desses comentários idiotas que as pessoas fazem a respeito de si por isso que eu não posto nada entendeu? Por isso que me dá raiva.” (ZAN, 2º ano, 16 anos)

“A minha foto do WhatsApp não tem meu rosto tem um como é que fala é só...eu não tinha...pra saber como é que é... tipo é só a silhueta só a silhueta da pessoa de casaco ainda pra não saber como é que é. No meu Facebook o meu nome é diferente do meu insta. Só que eu não uso nome próprio de pessoa, eu uso um nome genérico tipo é o tipo que eu estou mais usando agora.” (WLS, 2º ano, 16 anos)

“A minha irmã se excluiu das redes sociais. Ela tem 17 anos.” (AL, 1º ano, 15 anos)

“Olha assim no meu caso nunca aconteceu nada de me expor do lado negativo. É que nem eu falei postaram uma foto minha, mas não falaram nada de mal agora se acontecesse algo assim, gente, eu ia chorar bastante porque fazer alguma coisa ninguém tem como. Porque eu não sei, e no geral quando acontece de ah! Não tem como você ser feliz...vai chorar e aceitar.” (JOY, 3º ano, 17 anos)

“Olha eu acho que tudo você corre risco se você está em algum lugar você está correndo risco de tudo mesmo que seja foto dele com casaco sem mostrar mesmo que seja silhueta alguém vai tirar fotos suas e vai fazer uma zoada, olha que ‘mané’ não sabe nem tirar foto de qualquer jeito alguém vai falar mal então pra mim eu falo beleza problema é seu se você está implicando comigo, briga sozinho porque eu caguei pra você, eu não ligo muito.” (NAY, 1º ano, 15 anos)

“Eu não posto nada sobre a minha vida entendeu? Igual tô indo no shopping, tô indo no baile, eu não posto nada sobre minha vida, e só sabe da minha vida quem é da minha família.” (NAT, 1º ano, 15 anos)

É interessante perceber que, apesar de se sentirem vulneráveis diante da possibilidade de ataques nas redes, os estudantes não demonstram interesse em se afastar definitivamente do espaço virtual. As medidas de proteção apresentadas, efetivamente, não oferecem a segurança necessária para impedir que ofensas ou ataques aconteçam. Nesse sentido, abordar temas relacionados aos direitos humanos, alteridade, empatia e ética são essenciais para construir e fortalecer valores importantes pautados no respeito a si, ao outro e as diferenças. Além disso, fazer com que conheçam caminhos seguros para denunciarem crimes cibernéticos se mostra fundamental.

Gabriel (2013) ressalta a importância do letramento digital para tratar de *bullying* e *cyberbullying*¹. Para a autora é válido explicar para os jovens o que é ofensivo, antiético e mensurar as consequências que podem causar na vida das pessoas. Além disso, é essencial trazer para a escola assuntos que possam promover esclarecimentos sobre segurança digital e apresentar os riscos do compartilhamento de conteúdo e informações na internet, reforça a pesquisadora.

Com vistas na BNCC, verificamos que o desenvolvimento das habilidades ligadas ao contato com informações e opinião para avaliar a veracidade, confiabilidade na produção de sentidos é válida e importante. Todavia é preciso avivar também o

¹ A cultura de *bullying* pode se desenvolver em qualquer contexto em que seres humanos interajam uns com os outros, incluindo escolas, igrejas, famílias, ambientes de trabalho, casa e vizinhança. Quando o *bullying* acontece por meio do mundo digital, ele é chamado *cyberbullying* (GABRIEL, 2013, p. 145).

desenvolvimento de habilidades que viabilizem o trato com o debate de ideias e argumentos. De acordo com a BNCC:

Em que pese o potencial participativo e colaborativo das TDIC, a abundância de informações e produções requer, ainda, que os estudantes desenvolvam habilidades e critérios de curadoria e de apreciação ética e estética, considerando, por exemplo, a profusão de notícias falsas (*fake news*), de pós-verdades, do *cyberbullying* e de discursos de ódio nas mais variadas instâncias da internet e demais mídias (BRASIL, 2018, p. 488).

As perspectivas que sustentaram esta pesquisa nos conduziram por caminhos que tornasse possível compreender alguns aspectos da relação dos jovens do Ensino Médio com as redes sociais digitais. Primeiramente, foi preciso considerar que conviver com as novas tecnologias e as inúmeras possibilidades de inovação para a vida humana, é desafio ainda recente. Por isso, há muitas dúvidas e inquietações sobre a maneira de aproveitá-las e que carecem de constantes pesquisas e discussões.

Considerações finais

O objetivo da pesquisa foi analisar a influência das redes sociais digitais na formação de opinião de estudantes do Ensino Médio. Compreendemos que estes jovens são impactados pela dinâmica, informações e conteúdos consumidos e pelas relações que estabelecem na rede.

Além disso, ao longo da discussão proposta, ficou evidente que o estudante do século XXI utiliza as ferramentas digitais para acessar e compartilhar informações, aspectos ainda pouco refletidos no espaço escolar. Os jovens compreendem, minimamente, que há uma lacuna no espaço escolar quando se trata do uso das tecnologias, e que esse uso deveria fundamentar-se numa compreensão e discussão para além do caráter instrumental.

Conclui-se que a relação tecnologia-escola-alunos precisa ser sofisticada e apurada. É importante que os estudantes aprendam a se servir das informações produzidas e veiculadas nos meios digitais, bem como lidar com a lógica da rede. A participação da escola é crucial para fortalecer essa experiência, que tem o intuito de formar cidadãos mais atentos às intencionalidades dos discursos que consomem, sobretudo nos espaços virtuais. Neste sentido, destaca-se o papel da BNCC, e de conceitos como Educação Midiática e Alfabetização Midiática Informacional, como base para orientar práticas e atividades a serem incorporadas nos currículos, de

maneira a trabalhar habilidades para lidar com a cultura digital, em especial as redes sociais digitais.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70 Lda, 2009.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2020.

CARVALHO, M. S. R. M. de. **A trajetória da Internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. 2006, 239 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação) – Coppe – Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<https://www.cos.ufrj.br/uploadfile/1430748034.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2020.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Zahar: Rio de Janeiro, 2003.

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Orgs.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política**. p. 17-30. Conferência. Belém (Por): 2005. Disponível em: <http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/Sociedade_em_Rede_CC.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

CORTES, T. P. B. B.; MARTINS, A. de O.; SOUZA, C. H. M. de. Educação midiática, educomunicação e formação docente: parâmetros dos últimos 20 anos de pesquisas nas bases SciELO e Scopus. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 34, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100183&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 abr. 2020.

GABRIEL, M. **Educação a (r)evolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

INTER-relações comunicação e educação no contexto do ensino básico [recurso eletrônico]. Organização Adilson Citelli. São Paulo: ECA-USP, 2020. 217 p. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/mecom/#Relatorio-de-Atividades>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MARTELETO, R. M. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 27-46, jan./dez. 2010.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINAYO, M. C. de S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-18, maio 2000.

OCHS, M. **MídiaMakers Papers 1**: Introdução à educação midiática. 2. ed. 2019a. Disponível em: <https://issuu.com/midi makers/docs/mmpapers_1-_intro_educac_a_o_midia_>. Acesso: 17 jun. 2020.

OCHS, M. **MídiaMakers Papers 2**: Educação para a Informação. 2. ed. 2019b. Disponível em: <https://educamidia.org.br/api/wp-content/uploads/2019/12/MMPapers2_Educacao-para- Informacao_V2-1.pdf>. Acesso: 17 jun. 2020.

RECUERO, R. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, C. M. F. **As redes em saúde**: entre limites e possibilidades. 2005. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/observarh/arquivos/trabalho_redes.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003.

SILVA, S. Redes Sociais e Educação. **Illuminart**, São Paulo, n. 5, 2010.

UNESCO. **Alfabetização Midiática Informacional**. 2016. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/digital-transformation-and-innovation/media-and-information-literacy>>. Acesso em: 15 maio 2020.